

A INTERNACIONALIZAÇÃO DA CRÍTICA DE BENEDITO NUNES: ASPECTOS COMPARATIVOS

Maria de Fatima do Nascimento¹ (UFPA)

Resumo:

*Objetivando enfocar a internacionalização da crítica de Benedito Nunes e atentando para aspectos comparativos desta prática apreciativa, especificamente no que tange ao romance do franco-argelino Albert Camus, o presente trabalho consiste num estudo de **Considerações sobre A Peste**, artigo de 14 de janeiro de 1951 e um dos primeiros textos com análise de romance que Nunes publica no encarte **Arte Suplemento Literatura**, do jornal **Folha do Norte**, periódico em que o intelectual brasileiro estreia como crítico literário.*

Palavras-chave: Benedito Nunes, Albert Camus, crítica literária, filosofia.

Benedito Nunes publica, entre 1946 e 1951 em Belém do Pará, dois capítulos de romance, poesias, aforismos, artigos, entrevistas e crônicas filosóficas no encarte **Arte Suplemento Literatura**, do jornal **Folha do Norte**, no qual estreou como crítico literário. Em 1951, com o artigo **Considerações sobre A peste**, demonstra que, desde o princípio de suas análises, opta por obras voltadas para o mistério da existência, como as dos literatos nacionais Guimarães Rosa e Clarice Lispector em comparação com autores estrangeiros, a exemplo de Jean-Paul Sartre. Tal fato possibilita relacionar os textos literários selecionados pelo crítico brasileiro a determinadas concepções filosóficas e teológicas, conforme se verifica a partir da análise do romance **A morte de Ivan Ilitch** (1886), de Tolstoi, sua primeira apreciação de um texto em prosa, em 1950. Assim sendo, este trabalho objetiva enfocar a internacionalização da crítica nunesiana, atentando para seus aspectos comparativos, especificamente no que tange ao mencionado romance do franco-argelino Albert Camus e às consequências desta escolha para a carreira do crítico em foco.

No Suplemento em causa, o texto **Considerações sobre A peste**, de autoria de Nunes, é o segundo e último que ele ali publica acerca de uma obra de ficção. Posteriormente, tal artigo é republicado em 1952, na 1ª edição da *Norte Revista Bi-mestral*, da qual Benedito Nunes é um dos diretores.

No artigo em pauta, além de examinar a narrativa de Camus, Nunes discute a crise da literatura contemporânea, tema recorrente nas entrevistas que circularam de 1946 a 1950 no encarte estudado. Ali, tem-se uma coluna em que Almeida Fischer entrevista várias personalidades do mundo das letras, numa seção intitulada “Quais as diretrizes futuras do romance?”, na qual são entrevistados os principais romancistas do período, a exemplo de: José Condé, Ledo Ivo, José Geraldo Vieira, Adonias Filho, Guilherme Figueiredo, Marques Rebelo e Érico Veríssimo.

A partir do final de 1950, quando Benedito Nunes reconhece, em entrevista, ter aptidão para a filosofia e opta pela carreira de crítico literário, por concluir não ser vocacionado para a produção de literatura de ficção, passa a interpretar obras de autores europeus e brasileiros cujas criações, quase sempre, são publicadas no período, constatando que, para tanto, há a necessidade de outros parâmetros analíticos. Além disto, Nunes aponta a perplexidade dos estudiosos de então, que revelam muita dificuldade para reconhecer o valor de semelhantes textos. Como o ensaísta brasileiro observa, aquela literatura a ele contemporânea, buscando um sentido para a vida diante do aspecto absurdo que, muitas vezes, a existência humana assume, “pede a ação de conteúdos espirituais mais complexos para ser interpretada”. É a partir daí que o intelectual do Pará julga

encontrar no pensamento filosófico-teológico (aqui, o cristão-católico), em sua dimensão metafísica, o caminho apropriado para investigar tais composições verbais.

Antes de iniciar a análise de **A peste**, tomando como referência a ideologia cristã em seu viés católico, Benedito Nunes faz severas críticas ao livro **La France byzantine** (1945), do pensador e crítico literário *Julien Benda* (1867-1956), por este ter condenado, na época, os vinte anos recentes de literatura francesa. Isto porque, segundo *Benda*, tal produção rompe com o racionalismo. O crítico paraense chega a dizer que:

O erro de *Benda*, ao lançar a sua condenação sobre vinte anos de literatura francesa, foi o de não reconhecer que a criação artística enfeixa uma série de exigências e de formulações inéditas que é impossível compreender, tentando entrosar o seu ritmo com os das nossas próprias convicções. O autor de **La France byzantine** serve como exemplo do crítico que nega à obra de arte a posse de uma liberdade interna, que é a vida autônoma e objetiva de que gozam as criações do espírito (NUNES, 1951, p. 4).

Nota-se um debate de problemas de crítica e teoria literária que remete à esfera do *New Criticism* (Nova Crítica), mas somente no que tange à noção de autonomia da obra estética. Isto porque o crítico brasileiro, ao adotar, como suporte analítico, o pensamento filosófico-teológico em nível metafísico, não despreza a contribuição de outras áreas do conhecimento em favor de uma leitura imanente, fechada (*close reading*), dos elementos intrínsecos da composição verbal, ou seja, em favor de um método como que cartesiano de análise. Identificando o reducionismo de tal método na abordagem da arte da palavra, o ensaísta de Belém defende um procedimento através do que o texto literário deve ser estudado como objeto detentor de existência independente, não se devendo confundir a criação artística com a realidade da vida empírica.

Neste contexto de debate, em torno da crítica da obra de arte verbal, é que Benedito Nunes se desenvolve intelectualmente, formando sua concepção de uma crítica que valoriza o texto literário em sua essência. Tal fato se acentua em 1952, na convivência de Nunes com o poeta norte-americano Robert Stock, que reside em Belém e, com o autor paraense e outros que congregam a revista *Norte*, discute questões estético-literárias, que vão ser refinadas pelo ensaísta brasileiro.

Em semelhante ambiência cultural, quando reconhece que o posicionamento do francês *Benda* é recorrente entre os analistas diante da arte contemporânea, classificada por Benedito Nunes como “desconcertante”, a exemplo da obra de Kafka, o ensaísta brasileiro acrescenta que, por falta de compreensão, a tendência dos críticos (daquele momento) é a de ressaltar, levando em conta a produção kafkiana, que aquela arte “trata-se de um conjunto de enigmas ou de uma criação onde a aventura do inconsciente é a nota predominante”. E sendo um absurdo furtar-se à concessão de seu valor artístico, estes mesmos críticos alegam que se encontram frente a “uma obra difícil, porque a realidade que traduz é confusa, e não se adapta à noção habitual que temos das coisas” (NUNES, p. 4). Nunes admite que o problema não está nas criações dos literatos contemporâneos, como o autor de *A metamorfose* (1915), mas sim nos analistas, que se pautam ainda por esquemas apriorísticos de interpretação, quando, segundo o intelectual brasileiro:

(...) O que é necessário para o intérprete é que ele saiba servir a obra de arte, procurando descobrir o seu verdadeiro sentido, a sua significação verdadeira – enfim, a vida íntima de que é dotada, mesmo que essa vida escape à compreensão que temos da vida. Falar, portanto, em crise da literatura atual não exprime que as suas energias estejam ameaçadas de esgotamento, nem que essa literatura seja apenas uma tentativa estrondosa, mas limitada fatalmente pelo caráter de experiência, que seria peculiar à indecisão de seus passos. A crise é menos da literatura do que da nossa impotência para sair da perplexidade em que nos achamos, diante de manifestações artísticas que nos parecem desconcertantes, na pintura, na escultura, na música, na poesia, no romance, em cujos domínios

mencionamos o caso de Kafka (NUNES, 1951, p. 2).

Vale reconhecer que esta observação de Benedito Nunes de 1951, sobre **A Peste** de Camus, não perdeu sua atualidade, cabendo para outros momentos qualificados como de crise da arte e, especialmente, crise da literatura.

Embora Benedito Nunes discorde da visão de *Julien Benda*, segundo a qual na literatura europeia da primeira metade do século XX, particularmente na francesa, ocorre um rompimento com as formas narrativas racionalistas (cartesianas), dando lugar a formas de expressão não racionalistas, ou, como quer o ensaísta brasileiro, dando lugar à emergência de uma literatura tida como difícil (hermética), ao começar a análise de **A peste**, que vem a lume dois anos após o término da Segunda Guerra Mundial (1945), Nunes entende que este texto não se encaixa na categoria das obras consideradas não racionalistas, como as de Kafka. Contudo, não acredita que o romance **A peste**, o qual “possui linhas de traçado clássico, que assinalam para sua vida a duração eterna das grandes criações do espírito” (NUNES, 1951, p. 4), venha a estabelecer interrupção na crise literária contemporânea, até porque ele não crê em tal crise e, sim, num provável esgotamento dos métodos analíticos dos críticos. Para o intérprete paraense, a narrativa em questão de Albert Camus:

(...) É um romance de nosso tempo, a sua atualidade consiste em refletir certas atitudes do pensamento, que são peculiares à época em que vivemos; as ideias que encerra são, de certo modo, produto das contingências sob cujo domínio espiritual se processa a vida atual. A história que relata é, em parte, a aventura espiritual do homem contemporâneo que, necessita redescobrir o sentido da sua existência, que acontecimentos exteriores têm perturbado. (NUNES, 1951, p. 4).

Benedito Nunes reflete sobre a mensagem geral do livro **A peste**, observando as peculiaridades formais da obra, a exemplo de alguns elementos constitutivos da narrativa, como espaço, personagem, ação e assunto, destacando o funcionamento interno da realidade característica dos entes fictícios de **A peste**. Esta, especialmente, enquanto romance bem elaborado, apresenta uma sequência essencial, uma norma íntima que gera o vínculo entre os referidos elementos:

(...) É assim, como toda autêntica obra de ficção, um mundo próprio, com a sua realidade material e objetiva, que está concentrada nos elementos descritivos da cidade de Oran, num ano qualquer depois de 1940; com os seus seres humanos, que se esforçam por atinar com uma solução para os seus destinos, o Dr. Rieux, Tarrou, Cottard, Joseph Grand, o padre Paneloux e Rambert. De que modo esses seres se defrontam com o problema da existência? Qual o processo imaginativo utilizado pelo escritor para dar vida aos seus personagens, e através do qual se desenhou a ação do romance? (NUNES, 1951, p. 4)

Ainda que, no fragmento supracitado, se possam verificar, também, as marcas de uma crítica que vai sendo orientada e aprimorada para o entendimento dos elementos constitutivos da narrativa, destacam-se as inelutáveis questões existenciais, inclusive dentro de uma visão religiosa, que vai ser representada na figura da personagem padre Paneloux, porta-voz da ideologia católico-cristã, privilegiada por Benedito Nunes.

Na análise de **A peste**, Nunes começa formulando perguntas estruturais suscitadas pelo romance e destacando as ideias de Camus e as inquietações de suas personagens perante a vida, inquietações que são as mesmas de toda a humanidade, com a singularidade de suas criaturas sofrerem a realidade de uma epidemia descrita na situação romanesca (a peste bubônica), sem que ninguém consiga vencê-la.

O crítico paraense considera ainda que o romance **A peste** é realista, mas não como uma

forma de retratismo, cópia servil do real, ou característica de período estilístico, dando a entender que o é, mas como um dos maiores momentos, na literatura universal, de realismo enquanto *mimesis*. Esta constitui a representação e transfiguração da realidade, na condição de um conceito filosófico para explicar a *poiesis*, ou seja, o processo criador artístico de um mundo coerente, onde acontecimentos são descritos em sua universalidade, esclarecendo a natureza profunda das ações humanas e de suas causas mais íntimas:

(...) É realista, porque a realidade que descreve não parece ser outra senão a que nos envolve a todos, com a única diferença de que está marcada por um acontecimento excepcional, a peste bubônica, que assalta uma cidade tranquila, “simples prefeitura francesa na costa argelina”. Mas, por outro lado – e é aí que o romance adquire a sua vida própria – essa realidade descrita que se identifica com a do cotidiano, é a realidade que está na dependência de outra que a penetra inteira e profundamente, encontrando-se representada naquele acontecimento extraordinário, a Peste. Não é só uma crônica da peste, como poderia parecer a princípio; peste, aqui, é um símbolo, na medida em que traduz uma visão da realidade da vida, submetida aos imperativos e às exigências de uma outra realidade, que transcende à habitual e que não podemos compreender. Foi, portanto, com a interferência dessa situação objetiva criada pela Peste, procedendo com o auxílio de elementos acessíveis ao entendimento, que Camus conseguiu, sem renunciar à objetividade própria do novelesco, transmitir artisticamente o seu pensamento e a sua visão das coisas (NUNES, 1951, p. 4).

Em **A peste**, seu espaço, a pequena Oran, cujos habitantes ateus (quase todos, aliás), francamente despreocupados e hedonistas, pois são regidos pelos prazeres mundanos do jogo, do álcool, dos banhos de mar e da luxúria (como uma nova Sodoma e uma nova Gomorra, no entender de Benedito Nunes), no final da narrativa, ao contrário das duas urbes malditas, “escapa ao perigo do extermínio e a inconsciência habitual retorna à vida da cidade” (LISBOA, 1994, p. 164).

Segundo o analista brasileiro, a peste, mesmo após seu término como doença letal, “(...) fica nos corações; torna-se uma presença constante”, porque os descrentes em Deus “ignoram o que fazer de si mesmos, uma vez que não têm mais o que combater” (NUNES, 1951, p. 4). Uma das personagens ateias, conforme Nunes, já “devia ter a peste (no coração) muito antes de conhecer aquela cidade”. Trata-se de Raymond Rambert, um jornalista que está a serviço em Oran, entrevistando autoridades sobre as péssimas condições sanitárias dos árabes na localidade. Esta personagem perambula por todas as repartições da cidade, tentando encontrar uma maneira de retornar à capital da França, onde vive com sua namorada. Como não obtém êxito em sua empreitada, alia-se ao Dr. Rieux em luta contra a doença.

Benedito Nunes ressalta, na narrativa de Camus, a questão da liberdade das personagens, não só a geográfica, mas, acima de tudo, a existencial. No primeiro caso, um problema ocorre porque os moradores da vila comercial de Oran perdem o direito de ir e vir, não podendo mais circular pela cidade nem pelo seu entorno e, muito menos, sair do país, a Argélia, como fazem antes da epidemia, sendo as correspondências proibidas e a comunicação com outras partes apenas permitida por telegrama. Este fato implica um afastamento de familiares e amigos, como acontece com Raymond Rambert, isolado do mundo e separado da namorada enquanto dura o estado de sítio.

O problema da perda da liberdade existencial, da perda da liberdade dos hábitos de vida, por parte dos seres ficcionais de **A peste**, segundo Nunes, é decorrência de uma força maior, do poder divino, que se sobrepõe à fragilidade da condição humana:

A peste é a própria história do homem que, de repente, se vê destituído da sua liberdade e adquire consciência do mistério de sua existência, por um

acontecimento estranho à sua vontade. É a verdadeira ordem da vida que se levanta diante dele, a ordem que o envolve completamente, e da qual não pode libertar-se. ... (Muitos) problemas se apresentam ao homem quando a Peste lhe revela a verdadeira face do seu destino, colocando-o nessa situação limite em que é preciso encontrar um sentido para a vida e para si mesmo, sob pena de cair vítima do desespero e da loucura que leva ao suicídio (NUNES, 1951, p. 4).

Benedito Nunes sublinha questões filosófico-religiosas-espirituais, relacionando o problema da falta de liberdade, com a qual se deparam as personagens do romance **A peste**, à questão religiosa junto à humanidade, cujos conflitos interiores só o credo católico-cristão, da perspectiva de Nunes, pode aplacar.

Para sua análise de **A peste**, Benedito Nunes lê de Camus não só este romance, mas também a novela **O estrangeiro** (1942) e o ensaio **O mito de Sísifo**, estampado em livro em 1943. Às duas primeiras obras citadas, bem como ao seu autor, o intelectual paraense se reporta com entusiasmo: “O tipo que o escritor criou na sua admirável novela *L'étranger* é um ser humano caprichoso, perigosamente livre” (NUNES, 1951, p. 4). Quanto ao romance **A peste**, Nunes o define como uma “autêntica obra de ficção, um mundo próprio, com a sua realidade material e objetiva...”, a obra-prima do autor franco-argelino. Inclusive, na entrevista que Nunes concede, em 24 de dezembro de 1950, a Ruy Barata, declara ser “sua mais recente paixão literária **A peste**, de Camus” (NUNES, 1950, p.1). Sem dúvida, uma questão importante para Nunes é a liberdade, analisada por ele pela vertente metafísica. Sua opção pela visada filosófico-teológica, inclusive, difere mesmo da tendência do pensamento da época, quando, no Suplemento em estudo, abundam artigos sobre o existencialismo não religioso de Sartre.

Ao tratar da obra **O estrangeiro**, em que o protagonista da referida narrativa assassina um árabe numa praia de Argel, o crítico brasileiro afirma que tal ato se deve a um fator externo, um estado de irritação ocasionado pelo excesso de luz solar. Nunes entende que a sensibilidade exagerada da personagem converte-se em verdadeiro determinismo. Seria esta visão decorrente de um certo ranço passadista, de incorporação de ideias do naturalismo?

A partir de **O mito de Sísifo**, o ensaísta paraense, em sua análise de **A peste**, observa que “Camus simboliza o homem livre na figura de Sísifo” e, portanto, “a pedra é o mundo a que está preso, sem encontrar uma explicação plausível para isso”, sendo que a única coisa a fazer é continuar sua tarefa. “Ele vive. Eis o essencial” (NUNES, 1951, p. 4). Ocorre que, embora Nunes reconheça em **A peste** o fato de seu autor restringir-se à realidade concreta que rodeia todos, afirma que existe outra realidade incompreensível, que desponta representada no domínio da cidadezinha de Oran pela peste bubônica. Em seguida, sustenta que: “(...) A peste é aqui a manifestação de um poder supremo, cujas determinações parecerão absurdas e desumanas se vamos apreciá-las sem ter o coração preparado pela Fé. Sísifo, ligado ao seu rochedo, não é reconfortado pela Esperança” (NUNES, 1951, p. 4). Para Benedito Nunes, apenas no intervalo entre a queda da pedra e o recomeço de seu trabalho, Sísifo vivencia um lapso de lucidez quanto à insignificância do homem e suas imperfeições diante do poder maior que rege o universo, isto é, o poder divino.

Nunes entende que as personagens da obra em causa de Camus, por serem ateias, por não buscarem decifrar a mensagem divina subjacente às imagens assustadoras da praga, encontram-se na dimensão da catástrofe enquanto títeres à mercê das determinações dos altos. Aliás, segundo o crítico brasileiro, somente uma personagem consegue interpretar a linguagem da peste, o Padre Paneloux, que exorta a população de Oran:

Meus irmãos, a hora chegou. É necessário crer em tudo ou negar tudo. E quem entre nós ousaria negar tudo! (...) Hoje Deus fará às criaturas o favor

de mandar-lhes tal desgraça que elas tinham de achar a virtude máxima – a de tudo ou nada (NUNES, 1951, p. 4).

Para o analista brasileiro, o pároco aponta dois caminhos: “o da Fé que é tudo” e “o da vida sem esperança que é nada”. Camus, segundo Nunes, opta pelo segundo, que é “(...) a solução de Sísifo”, configurada “na moral do desespero, que gera uma atitude heroica, a qual é mantida pelos personagens que habitam o mundo que a peste escolheu para sua morada”. O crítico do Pará vê esse fato como “o heroísmo que advém da negação da Fé, como única potência capaz de arrancar o homem do desespero e que se fundamenta na cega necessidade de viver, é um heroísmo peculiar do homem contemporâneo”; heroísmo consequente de uma visão pessimista sobre a situação humana (NUNES, 1951, p. 4). Este pessimismo encontra-se diretamente ligado ao “sentimento específico de impotência”, que, de acordo com Karl Jaspers¹, é uma realidade do mundo da época. “É um mundo em que a história age com ritmo novo, o ritmo catastrófico de que fala Berdiaev”².

No caso presente, os últimos filósofos citados por Benedito Nunes, todos cristãos, também discutem as questões relativas ao homem contemporâneo e à literatura do ponto de vista religioso, mas tentando entender filosoficamente o homem enquanto criatura do aqui e agora, especialmente na relação entre a obra e o ficcionista, ou obra e os filósofos em causa. Estes são pessoas de carne e osso que produzem textos, sofrem e precisam de um alento que, no entender deles, só a fé em um ser supremo consegue proporcionar, conferindo uma explicação à existência humana no mundo terreno. Porém, em meio a tais intelectuais, há o devido distanciamento de suas convicções em face das discussões lítero-filosóficas e das questões religiosas presentes nas obras analisadas ou por elas suscitadas.

Já Benedito Nunes na referida obra analisada adere incondicionalmente à visão religiosa, numa postura através da qual a Fé e a Esperança em Deus são importantes para a compreensão do romance **A peste**, de Camus, sendo a praga vista como castigo divino aos moradores de Oran, o que fragiliza a análise do intérprete belenense, quando comparada à ação da trama, ainda que a visão nunesiana corresponda a uma perspectiva possível.

Nunes como que desconsidera a relevância de todo o trabalho do Dr. Rieux, personagem-narrador da história, que conta minuciosamente os detalhes da vida e do comportamento dos moradores da cidade de Oran, antes, durante e depois da peste, e se empenha em salvar outras personagens no momento em que a cidade é atacada pela doença infecciosa. Tudo isto Rieux faz com soluções práticas para minimizar os problemas gerados pela epidemia que devasta vidas.

Ao término da circulação do Arte Suplemento Literatura, em 14 de janeiro de 1951, Benedito Nunes deixa à posteridade artigos críticos sobre dois romances importantes para a história da literatura - **A morte de Ivan Ilitch** e **A peste**, de autoria de grandes escritores universais (respectivamente, Tolstoi e Camus) -, verificando-se que, naquele momento, o estudioso paraense encontra-se impregnado pelo Cristianismo. Semelhante dado fica notório na análise tanto da obra do autor russo, quanto na do franco-argelino. Na segunda análise de um texto em prosa (**A peste**, de Camus), por parte de Benedito Nunes, este, além de se basear nos filósofos cristãos retromencionados, também o faz com o principal teólogo do cristianismo, São Tomás de Aquino. Por sinal, Nunes (1946, p. 4) vem estudando a **Suma Teológica** desde 1946, de acordo com texto de 7 de setembro daquele ano, ou seja, o aforismo de nº. 11 de sua coluna jornalística intitulada

¹ Karl Jaspers (1883-1969), filósofo e psiquiatra alemão, estuda Medicina e se torna professor de psicologia na Universidade de Heidelberg, desligando-se de sua docência em 1937, por causa do Nazismo. Retorna a seu posto em 1945 e posteriormente vai lecionar Filosofia na Universidade de Basel-Suíça. Estudioso de Kierkegaard, seu pensamento possui estreita relação com a existência do homem real e não com a existência da humanidade abstrata. Falece em 26 de fevereiro de 1969 em Basel.

² Nikolái Berdiaev nasce em Kiev, Rússia, em 1874. Após 1917, passa a ser Professor de Filosofia na Universidade de Moscou. É considerado um existencialista cristão que, por causa de seu envolvimento com a igreja católica ortodoxa, entra em choque com o regime socialista soviético e, por isso, é expulso de seu país, exilando-se em Paris, onde falece em 1948.

Confissões do Solitário. Outro texto seu sobre São Tomás é publicado na revista **Norte** de 1952, com uma adesão do crítico às virtudes teológicas da Fé e da Esperança. Estas, no romance **A peste**, de Camus, são pregadas pelo padre Paneloux. Cabe a pergunta sobre se é lícito a um crítico defender seus princípios e valores. Por outro lado, a coerência valoriza a força das abordagens e faculta, ao leitor, conhecer a linha de pensamento inicial do crítico brasileiro.

A crença pessoal em Deus, transportada para a crítica literária, em especial para a análise da obra de Camus, parece empobrecer a análise. Isto porque, não contemplando outros aspectos importantes de **A peste**, o ensaísta brasileiro vê o romance de Camus apenas da ótica de um religioso, da ideologia eclesiástica, sendo as personagens ateias reduzidas ao que se entende como a ação do pecado e do castigo.

Toda esta descoberta, possibilitada pela recolha e leitura dos artigos e ensaios de Benedito Nunes publicados no **Arte Suplemento Literatura**, do jornal **Folha do Norte** e em revistas, permite afirmar que, até 1951, não existe nenhuma alusão a estudos sobre Sartre e Heidegger do crítico brasileiro nas análises de seus textos, embora tenham circulado no citado jornal vários artigos sobre o primeiro, na maioria das vezes, com críticas negativas a seu existencialismo, mas com valorização de sua obra literária, assim como uma entrevista do segundo, com comentários de seu entrevistador, Luiz Wiznitzer, bastante favorável às teorias do filósofo alemão. Apenas em 1952 é que Nunes publica seu primeiro artigo acerca do existencialismo de Heidegger e Sartre.

Igualmente, só a partir de 1959, Benedito Nunes publica artigo específico sobre obra de Heidegger, **A poética de Heidegger**, no Suplemento Dominical do **Jornal do Brasil**, em 14 de fevereiro. Sobre Sartre, somente em 1960, aparecem dois textos do crítico brasileiro no jornal **O Estado de São Paulo**, Jean-Paul Sartre: *critique de la raison dialectique* e Reflexões sobre o teatro de Sartre. Posteriormente, a partir de 1965, constata-se as primeiras referências de Heidegger e Sartre em textos literários, a saber, nas análises feitas das obras de Clarice Lispector, primeiro nas produções estampadas no jornal o **Estado de São Paulo**, depois em livros.

Depois da experiência com a análise da obra **A peste**, de Camus, no **Arte Suplemento Literatura**, em 1951, obra esta que aborda questões existenciais, Benedito Nunes começa a publicar, entre 10 de fevereiro e 24 de julho de 1965, respectivamente no **Jornal do Brasil** e no jornal **O Estado de São Paulo**, artigos sobre a produção de Guimarães Rosa e Clarice Lispector, autores que, em suas criações literárias, também vão tratar de dramas eternos da existência humana, como sofrimento/paixão, ódio/amor, infelicidade/felicidade, dor/prazer, angústia e morte.

Verifica-se que Benedito Nunes vai se projetando na carreira de crítico literário em periódicos, primeiramente em Belém do Pará entre 1946 e 1951; depois no Rio de Janeiro desde 1956; em São Paulo, no início da década de 1960 e, a partir de 1966, como fruto de longos anos de estudos, passa a estampar suas críticas em livros publicados na cidade de Manaus e, especialmente, na capital bandeirante.

Em 1960, o crítico literário brasileiro passa, em Paris, seis meses, quando estuda filosofia com Paul Ricoeur e Merleau Ponty, destacando-se também como docente de Filosofia, função que exerce desde os 19 anos, primeiro em escolas secundárias, depois em Universidades, e de Crítica Literária em Pós-Graduações de Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras, a exemplo do da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), através de seu Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), onde ministra aulas nos segundos semestres de 1977 e 1979. Posteriormente, leciona na Pós-Graduação de Letras da Universidade Federal do Pará (UFPA) e projeta-se internacionalmente, ministrando aulas de Literatura Brasileira, como docente leitor, na Universidade de Rennes - França, de 1968 a 1969.

Benedito Nunes, em 1980, é Professor visitante do *Department of Spanish and Portuguese*, da Universidade do Texas, Austin, onde ministra os cursos *Contemporary Brazilian Poetry and Novel* para a Graduação e *Aesthetic Ideas in Brazilian Literature* para a Pós-Graduação daquela IES. Profere ainda, sobre a obra de Clarice Lispector, a conferência intitulada: Clarice Lispector ou o naufrágio da introspecção, no *Academic Center*, de Austin, sob o patrocínio de *The Institute of Latin American Studies* e do *Department of Spanish and Portuguese*.

Referências Bibliográficas

- 1] CAMUS, Albert. *A peste*. Tradução de Valerie Rumjanek Chaves. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- 2] _____. *A peste*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Edições BEstBolso, 2010.
- 3] _____. *O estrangeiro*. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: Edições BEstBolso, 2010.
- 4] _____. *O mito de Sisifo: ensaio sobre o absurdo*. Tradução de Urbano Tavares Rodrigues e Ana de Freitas. Lisboa: Oficinas Gráficas de Livros do Brasil, S/D.
- 5] _____. *O mito de Sisifo*. Tradução e apresentação de Mauro Gama. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- 6] NASCIMENTO, Maria de Fatima. *Benedito Nunes e a moderna crítica literária brasileira (1946-1969)*. V. I, 2012. 343 p. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto do Estudo da Linguagem (IEL). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2012.
- 7] _____. *Benedito Nunes e a moderna crítica literária brasileira (1946-1969)*. V. II 2012. 579 p. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto do Estudo da Linguagem (IEL). Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2012, p. 32.
- 8] NUNES, Benedito/AFONSO, João. Considerações sobre *A peste*. *Folha do Norte*. Belém, 14 jan. 1951, Suplemento Arte Letras, Num. 165, p. 4 e 2.

ⁱ **Maria de Fatima do Nascimento (Profa. Dra.)**,
Universidade Federal do Pará (UFPA),
Faculdade de Letras (FALE),
E-mail: